

Editorial

Pelo fim do Orçamento Secreto

Você já ouviu falar da farra do Orçamento Secreto no Congresso Nacional? É uma mina de ouro de R\$ 36 bilhões. Os deputados e senadores fazem emendas e o governo libera o dinheiro.

O Orçamento Secreto utiliza as chamadas emendas de relator do orçamento federal (identificadas pelo código RP-9) para multiplicar, sem transparência, a quantia que parlamentares têm o direito de indicar para seus redutos eleitorais, dificultando o controle do dinheiro público pelos órgãos de fiscalização. As destinações são assinadas pelo relator-geral do Orçamento no Congresso, responsável por registrar os pedidos da verba. A informação de quem é o verdadeiro padrinho da emenda, porém, não é divulgada.

Por isso, uma ação que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF) teve uma decisão proferida pela ministra Rosa Weber determinando o envio à Corte das informações relativas a essas emendas, valores e quem são os seus autores.

Segundo levantamento realizado pelo jornal O Globo, um montante de cerca de R\$ 11 bilhões, apenas um terço dos R\$ 36,4 bilhões liberados por meio do apelidado Orçamento Secreto nos anos de 2020 e 2021, estão mapeados e assim mesmo com descrições genéricas. Cerca de 70% dos recursos das emendas do relator do orçamento continuam sendo um grande mistério. Essas emendas pesam denúncias de uso indevido para compra de apoio parlamentar em votações de interesse do governo Bolsonaro.

Integrantes da cúpula do Congresso mantêm tudo em sigilo. Os recursos foram direcionados por eles para custear gastos nos seus redutos eleitorais nas áreas de educação, saúde e infraestrutura. O senador Márcio Bittar (União-AC) concentra R\$ 467,9 milhões em emendas. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), apadrinha R\$ 357,4 milhões. O presidente do Senado, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), R\$ 180,4 milhões em emendas. O líder do governo no Senado, senador Fernando Bezerra (MDB-PE), propôs R\$ 256,6 milhões. O líder do governo no Congresso, Eduardo Gomes (PL-TO), distribuiu R\$ 243,3 milhões.

Os vips do Congresso também tiveram a companhia da bancada evangélica. O deputado Marcos Pereira, presidente do Republicano, fez emendas que somam R\$ 190 milhões. O líder da bancada do Republicano, deputado Hugo Motta, tem registros de R\$ 130,9 milhões.

A senadora Eliane Nogueira (PP-PI), mãe do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, indicou valores de R\$ 399,2 milhões. A senadora Daniella Ribeiro, não deixou por menos, R\$ 204, 8 milhões.

Os deputados federais bolsonaristas nos últimos dois anos indicaram R\$ 260 milhões: Bia Kicis (R\$ 32 milhões), Carla Zambelli (R\$ 25, 3 milhões), Carlos Jordy (R\$ 8,7 milhões), Filipe Barros (R\$ 15,5 milhões), Hélio Lopes (R\$ 20 milhões), Cabo Junio Amaral (R\$ 12,2 milhões), Luiz Philippe de Orleans e Bragança (R\$ 10 milhões) e o major Vitor Hugo (R\$ 135,6 milhões).

Tenha a certeza de que é uma nova modalidade de apoiar o governo nas votações no Congresso, bem como colocar essa dinheirama nas mãos de prefeitos e vereadores, e até mesmo de algumas empresas, nos cantões desse nosso Brasil. E aí, quem controla as licitações? As obras? As compras?

Os deputados e senadores do Centrão, que apoiam o governo Bolsonaro, estão em campanha utilizando essas emendas, que são recursos públicos sem o devido controle, sem planejamento e sem transparência. É uma festa e têm objetivos políticos claros. O mais perigoso desses objetivos é manter o controle do Congresso Nacional por mais quatro anos.

Não ao Orçamento Secreto!

Protagonismo das mulheres em Jacarepaguá

No mês das mães e das noivas, o JAAJ saúda as mulheres de luta da Baixada de Jacarepaguá. Mulheres que merecem ser lembradas no mês de maio, como em qualquer outro mês do ano por suas lutas e resistências ao longo da história. Mulheres guerreiras como Dona Penha, Dona Jane, Ceíça Moraes, Luciana Ezarani, Maraci Soares, Sílvia Batista, Dorotéia, Maria Aparecida, Tereza Silva, Hosania Nascimento, Claudia Mattos, Cláudia Santiago e outras tantas.

Páginas 5, 6 e 7



Dona Penha



Ceíça Moraes



Luciana Ezarani

O talento de Ceíça Moraes na CDD

Texto de Regina Prado

Página 5

O poder do abacate

Texto de Letícia Ribeiro

Página 2

Ponto e Vírgula

Texto de Juliana Bernardo

Página 2

Por uma sociedade sem manicômios

Texto de Vanessa Guida

Página 7

Receita do peixe empanado

Texto de Tia Néli

Página 2

A arte de Luciana Ezarani

Texto de Cíntia Travassos

Página 7

Quilombo Aquilah

Texto de Carla Scott

Página 3

Eterna Aprendiz

Texto de Cláudia Scott

Página 7

Biopirataria

Texto de Bruna Prestes

Página 4

Vila Autódromo tem museu

É o Museu das Remoções

Página 3



Cozinha da Tia Neli

Peixe Empanado Gostoso

Ingredientes para a Marinada

- 1 kg de pescadinha limpa ou outro

peixe de sua preferência

- 1 ovo
- 1 colher (sopa) de chimichurri
- 1/2 copo (geleia) de suco de limão
- 1 colher (chá) de páprica defumada
- 1 colher (café) de lemon Pepper
- Sal e pimenta-do-reino a gosto

Ingredientes para Empanamento

- 1 copo (requeijão) de fubá
- 2 colheres (sopa) de farinha de trigo
- + Páprica defumada
- Pimenta-do-reino e sal
- Óleo para fritar

Modo de Fazer

Depois de limpar os peixes, faça alguns cortes na pele dos peixes.

Misture os ingredientes da marinada e coloque os peixes para descansar por uns 30 minutos.

Misture os ingredientes do empanamento. Pegue os peixes, um a um, escorra o excesso passe pela mistura do empanamento até fazer uma crosta agarrada à pele dos peixes.

Coloque óleo em uma frigideira alta ou panela e deixe o óleo esquentar bem. Assim



sim que esquentar, coloque os peixes aos poucos de forma que não encostem uns nos outros e o óleo não esfrie. Assim que estiver crocante dos dois lados coloque para escorrer em uma grade para escorrer a gordura e manter a crocância. Sirva acompanhados com limão.

Observação: coloquei também camarões com casca e ficaram maravilhosamente crocantes!

É um sucesso!!!

Um beijo e um queijo!

Para ver mais receitas

<http://cozinhadaneli.blogspot.com/2022/05/peixe-empanado-gostoso.html?m=1>



Baía Viva

Somos mais de 10 mil na defesa das Baías, Rios, Lagoas, da Mata Atlântica e pela salvaguarda dos direitos dos Povos Tradicionais.

Curta e nos ajude a compartilhar a página do Baía Viva no Facebook.

#baia viva

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=34388394111516&id=100064697371806

Instituto de História da Baixada de Jacarepaguá

Pedra do Galo e Igreja Nossa Senhora da Penha em imagem do final dos anos de 1910. Imagem cedida e enviada pelo parceiro do IHBAJA, o historiador Rafael Mattoso. Tem alguma imagem, fotografia ou documento sobre Jacarepaguá? Envie pra gente. Nos ajude a preservar a história e a memória de nossa região.

#ihbaja #nossasenhora dapenna

#igreja #pedradogalo #baixadadejacarepagua

#jacarepaguarj #memoria #historia #patrimonio

#historiadorio #historialocal #divulgacaocientifica



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Como utilizar o ponto e a vírgula

Olá, queridos leitores, como vão? Nesta edição vamos trocar ideias sobre como utilizar o ponto e vírgula. Para que vocês possam compreender melhor como utilizá-lo, é preciso internalizar o estudo da sintaxe da Língua Portuguesa. Ao dominá-lo, o uso desse sinal de pontuação também será dominado.

Abaixo, apresentarei quatro importantes regras para ajudá-los:

1ª regra: separa as orações coordenadas assindéticas entre trechos separados por vírgulas. “Durante o dia, eu praticava atividades físicas, mas de baixo impacto; à noite, intensificava o treino.”

2ª regra: separa elementos de uma enumeração. “Devemos apresentar os seguintes documentos: identidade; CPF;

comprovante de residência; PIS.”

3ª regra: separa as orações coordenadas cuja conjunção implícita é facilmente percebida. “Estudou bastante para o concurso; passou em 3º lugar.”

4ª regra: separa as orações coordenadas adversativas e conclusivas como conjunções deslocadas. “O dia ficou fresco; fiquemos, pois, satisfeitos com isso.”

Perceberam o quanto a sintaxe age diretamente no uso do ponto e vírgula? Então, sigam as dicas e estudem bem essa parte do Português, certo?

Sigam a minha página do Instagram para esclarecimentos de outras dúvidas: @professora_julianabernardo. Abraços e até a próxima edição!



Letícia Ribeiro Leite
Estudante de Tecnologia em Agroindústria
Instagram @leticiatecnutri01

Abacate: um olhar que vai além da fruta

O abacate é uma fruta que agrada consumidores ao redor do mundo todo, mas não é só isso, além de ser uma fruta saborosa, é rico em várias vitaminas e oferece diversos benefícios para o nosso corpo.

Hoje o tema se refere aos mais variados produtos obtidos a partir do processamento agroindustrial da fruta provinda do abacateiro.

É possível observar em receitas culinárias e trabalhos publicados, que o abacate é tipicamente consumido no Brasil em pratos e bebidas adocicados, no entanto, em outros países é consumido como acompanhamento de saladas e vegetais em geral.

Entre os produtos obtidos a partir do abacate, está o azeite de abacate que é rico em vitamina E, sendo importante ressaltar que já existem estudos mostrando que esse produto apresenta um rendimento até 7 vezes maior que o rendimento de óleo de soja por hectare. Esse azeite pode ser utilizado na culinária e na área de cosméticos, há também outros produtos como por exemplo, o etanol de abacate, que é um biocombustível.

Com isso, fica exposto um setor muito importante: processamento do abacate no meio agroindustrial, como sendo uma oportunidade de atuação profissional.



O poder do abacate para nosso bem-estar

EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabras), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

Viva a Museologia Social! Viva o Museu das Remoções!

Nesta 20ª semana de museus/2022, na qual comemoramos, no dia 18 de maio, o Dia Internacional dos Museus, já podemos dizer que se vê uma luz no fim do túnel, uma crescente, apesar de ainda muito distante das pretensões para que essa cultura de grande importância chegue a todas as comunidades, periferias e favelas. Uma cultura que não tem o estímulo e o interesse do sistema, do poder público que insiste com o objetivo medíocre de privar a grande massa (baixo poder aquisitivo) de conhecimentos para que continuem sendo massa de manobra. Quando observamos a grade curricular das escolas públicas sem matérias como: Artes plásticas, Música, Teatro, Sociologia, Filosofia, entre outras, matérias



Inauguração do MdR em 18-05-2016 em meios aos escombros.

que estimulem o pensamento crítico, fica fácil entender os objetivos da grande nata do capitalismo.

O MdR (Museu das Remoções) está completando seis anos. Ele surgiu como “um grito de resistência”, em prol da preservação de sua história e liberdade; nasceu em meio aos escombros das remoções forçadas da favela da Vila Autódromo no período olímpico, promovidas pela especulação imobiliária, que faz questão de extinguir as comunidades para que o pobre não faça parte do “progresso” da região onde ele construiu sua história.

É evidente que os museus tradicionais têm sua importância, apesar de ser uma área da cultura que em pleno século XXI ainda mantém um enorme abismo separando-o da classe menos favorecida. A Museologia Social, é muito diferente dos museus tradicionais e elitizados, que tem como principal característica guardar somente a memória da “fatia rica” da sociedade, como se a massa periférica não tivesse histórias e memórias para preservar, um verdadeiro absurdo, descaso e



MdR - Escultura-A Associação Sou Eu.



MdR - Escultura - D. Penha

falta de ética e responsabilidade com uma população que tem uma enorme participação na construção do país. Na verdade, a Museologia Social trabalha com foco na história e na memória do conjunto da camada mais numerosa da população que, além de construir o país, é o alicerce e a força motriz para que uma nação possa estar sempre em evolução.

Nossa gente, com suas histórias e memórias, jamais pode ser esquecida! Viva a massa trabalhadora! Viva os museólogos! Viva os museus!



www.museudasremoco.es.com
museudasremoco.es@gmail.com
www.facebook.com/museudasremoco.es
www.instagram.com/museudasremoco.es



Meio Ambiente & Turismo *Carla Scott - Ecologista*

Salve Quilombo Aquilah! Salve São Jorge!

Após dois anos de pandemia, o Quilombo Aquilah conseguiu organizar a tradicional Feijoada de São Jorge, no dia 23 de abril.

O evento contou com a presença das Pastoras de Aquilah, da escola de dança Katia Bezerra, e foi celebrada também a primeira Missa Afro de Jacarepaguá na capela de Nossa Senhora da Piedade, na Congregação Mariana do Hospital Colônia de Curupaiti, pelo padre Passos. Um marco histórico.

A exposição de fotos apresentou lindos registros de devoção nas festas de São Jorge que acontecem em vários bairros do Rio de Janeiro.

Saboreamos uma deliciosa feijoada, organizada pelo Quilombo, que foi um verdadeiro sucesso. Esta iguaria faz parte do Guia Zungu, um guia de gastronomia preta que reúne 21 casas cariocas que resgatam sabores e a história da culinária de origem africana.

O Guia Zungu começou a ser distribuído gratuitamente nos estabelecimentos participantes com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura. O intuito é fomentar em moradores o orgulho da sua cultura negra representada pela culinária. Este ano, a ideia é dobrar o número de participantes do Guia. Neste primeiro momento foram selecionados restaurantes que se posicionam politicamente e rei-



Carla Fernandes (JAAJ) e Cláudia Mattos (Quilombo Aquilah)



Cláudia Mattos e Hosania Nascimento



Padre Passos celebrando a Primeira Missa Afro de Jacarepaguá

vindicam negócios de gastronomia preta, mas a próxima edição irá englobar mais bares e restaurantes.

Zungu era o nome das casas localizadas na Região Portuária do Rio de Janeiro que serviam como ponto de encontro e acolhimento de pessoas que tinham se libertado do estado de escravidão. No local era servido o angu e ha-

via celebrações culturais e muita música.

Parabéns ao Quilombo Aquilah pela organização do evento, pois ainda temos pouco conhecimento da cultura africana. Eventos como este nos fazem conhecer e manter vivo em nossa memória este legado tão rico de cultura e sabores.

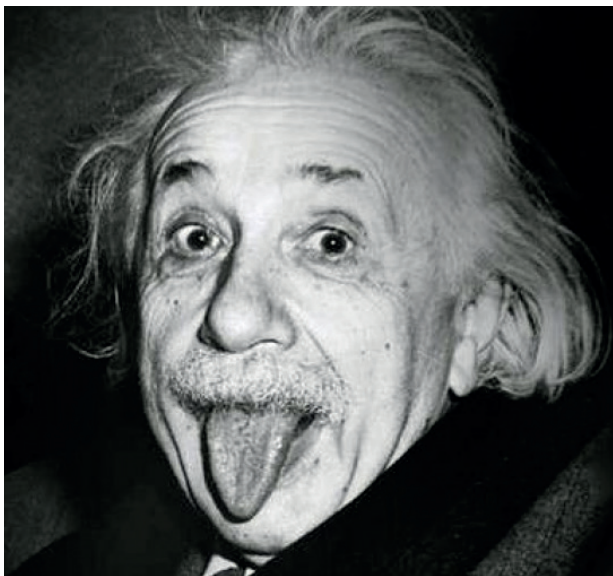


Língua afiada

Crônica de Pablo das Oliveiras

O Dia Internacional da Língua Portuguesa é celebrado em 5 de maio, e o idioma, oficialmente falado a partir de Portugal, na Europa, espalhou-se pela América, África e Ásia, gerando uma herança do colonizador português aos povos dos territórios de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu. Territórios, historicamente, submetidos aos interesses econômicos do nascente Império Colonial Português, convertido em cultura lusófona, reunindo 53 países ligados a um idioma que atravessa o mundo navegando em sentimentos ambíguos de amor e mágoas.

Em terra brasilis, no século XVI, a colonização se impôs pela exploração da terra, do trabalho escravo e da fé cristã. Os padres jesuítas, em missão de pacificar os indígenas, deram-lhes a cruz da escravidão. Entre eles, Anchieta articulou um manual que mesclava o idioma português com as línguas do tronco tupi, faladas pela enorme população indígena do litoral. O tráfico de africanos para mais trabalho escravo no Brasil engrossou o caldo da mistura, como também os fluxos de falas dos migrantes europeus



e asiáticos aos usos do “idioma”. Há quem diga mosaico linguístico; há quem cante: “Um poeta desfolha a bandeira e a manhã resplandecente, cadente, fogueira num calor girassol com alegria na geleia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia.” Então, no século XVIII, a Coroa Portuguesa proibiu o uso das línguas Tupi e da Língua Geral; cancelou e expulsou os jesuítas; disse chega de balbúrdia na colônia e decretou o idioma português como a língua oficial do Brasil.

Nesses 522 anos de falação, o Português não é a úni-

ca língua em uso no território brasileiro. Dos 1.200 povos originários que habitavam as terras de Pindorama, permanecem 274 línguas indígenas em uso ativo e outras em processo de retomada, pelos descendentes de povos que foram dizimados; há línguas africanas circulando em resguardo nos terreiros de candomblé, àçê!; há o idioma pt-BR quase sem fronteiras por onde passam saberes, filosofias, humor, opiniões, fake news e pós-verdades... disparadas pelas redes sociais da internet, seja em português castiço ou popular.

Atualmente, circula uma questão em torno da língua portuguesa, a pretendida linguagem neutra. Parte dos falantes brasileiros, simpatizantes e/ou referenciados pelas pautas LGBTQIA+ problematizam o emprego das vogais temáticas “o” e “a” indicadoras de o masculino e o feminino, sendo, portanto, limitantes às representações de identidades situadas entre ou fora da polaridade do que se entende por masculino e feminino. Na busca de uma linguagem neutra surgem tentativas gráficas de substantivos e adjetivos, com: @ - X - E... para recriar expressões como: “amig@s”, “amadxs”, “inconformades”.

Disse-me o amigo E. Vilarin a respeito da pretendida linguagem neutra: “Os motivos são justos, mas inexequíveis do ponto de vista da comunicação. Não se muda a língua por desejo ou imposição. A língua vive por ela mesma.” E eu me lembrei de Caetano, em Língua: “Livros, discos, vídeos à mancheia /E deixa que digam, que pensem, que falem.”



Bruna Prestes

Certamente você já ouviu falar no termo biopirataria, que surgiu na década de 1990 e foi institucionalizado em 1964. Mas o primeiro caso ocorreu na época do descobrimento do

Brasil, por conta da intensa exploração do pau-brasil, pois essa espécie era muito utilizada pelos indígenas para fabricar corantes, e foi levada para a Europa pelos portugueses, dando início, assim, à exploração da planta.

A biopirataria não ocorre apenas pela exploração ilegal de sementes e plantas, mas também de todo animal da floresta brasileira, gerando prejuízo para o país, tanto econômico quanto ambiental, por conta do lucro que não irá ser repartido com o país detentor do recurso. Além disso, causa danos ao meio ambiente, colocando em risco a biodiversidade de uma área, podendo levar até mesmo à extinção de alguma espécie, seja ela de planta ou animal.

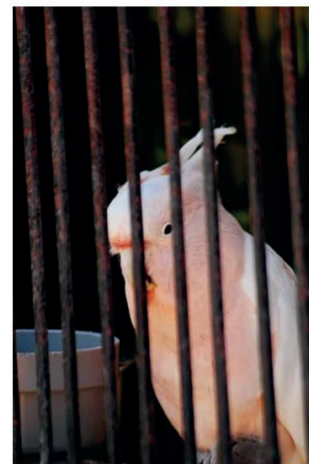
Sendo esta a terceira atividade clandestina que mais movimenta o dinheiro, ela causa a redução da fauna e da flora, de-

sequilibra a cadeia alimentar e provoca a morte de cerca de 40 milhões de animais em diversos lugares do país, mas principalmente nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

No Brasil, a biodiversidade e os conhecimentos tradicionais são protegidos pela Medida Provisória no 2.186 de 2001, que condiciona o acesso a recursos naturais à autorização da União, prevê a repartição de benefícios, se houver uso e comercialização, e reconhece o direito das comunidades indígenas e locais de decidirem sobre o uso de seus conhecimentos associados a recursos genéticos.

A dificuldade de coibir a prática da biopirataria se deve à falta de uma legislação mais abrangente, que proteja a flora e a fauna brasileira, justificando-se também pela precariedade de segurança, policiamento e monitoramento no que se refere às perdas e ao controle das espécies brasileiras. Uma das soluções seria transformar os recursos da biodiversidade em atividades econômicas para gerar renda e emprego para a sua população. Esse problema envolve a todos nós, e quem sofre as consequências não são apenas os animais e as áreas verdes. Entretanto, apenas nós podemos ajudar a natureza e os seres que nela habitam e, assim, estaremos cuidando também do nosso futuro e das próximas gerações.

Biopirataria afeta apenas aos envolvidos?



Fonte imagem: CANVA

Seja Correspondente Comunitário do JAAJ

O Correspondente Comunitário, colaborador voluntário, é um elo entre a equipe do Jornal Abaixo-Assinado e os moradores da sua comunidade ou condomínio.

Seja Correspondente Comunitário na sua escola!

Contato pelo WhatsApp

(21) 97246-2213 & (21) 97143-4821

LEIA O SITE DO JAAJ www.jaajrj.com.br
& FACEBOOK Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá

ANUNCIE NO JAAJ

(21) 97246-2213 / 97119-6125

jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA

Acesse
www.jaajrj.com.br



Regina Prado
Jornalista e
militante social

Conceição Ma da Silva de Moraes, moradora há quatro décadas da Cidade de Deus, 76 anos, tem uma família harmoniosa, composta por três filhos, 13 netos e 12 bisnetos. Uma pessoa incrível, amiga e solidária.

Ela é aquele ser humano que só de olhar dá vontade de levar para casa. Seu falecido marido sempre a convidava para ser figurante, convite constantemente rejeitado. E essa recusa persistiu até o dia em que estava na rua, resolvendo problemas corriqueiros, estilo é a sua marca. Nesta ocasião, estava sem ânimo, ainda por conta da viuvez, por isso ficou surpresa quando o booker de uma agência aproximou-se dela elogiando seu carisma, e pediu autorização para fotografá-la. Embora envergonhada, por conta de suas vestes simples, acabou autorizando. Dois dias depois foi convidada para integrar o casting de figuração da agência.

Daí em diante, Dona Conceição Ma, aos 65 anos, saiu de cena para dar vida, com maestria, a uma grande artista que apenas precisava de oportunidade para desabrochar. Mesmo na boa idade, iniciou sua trajetória artística. A arte estava ganhando

uma fiel representante da classe, e com isso o aplauso da plateia era inevitável, pois ela merece ser vocacionada. Nascia ali Ceíça Moraes (gravem esse nome) — a atriz.

Ceíça Moraes apaixonou-se de tal forma por esse universo que decidiu adotar de corpo e alma sua nova missão até seu último suspiro. Todo trabalho do qual participa impressiona toda a produção envolvida, por conta do seu talento e comprometimento. Mesmo como figurante, conseguiu marcar território e fazer sucesso. Seu primeiro trabalho foi nos programas Zorra Total e Sob pressão, seguidos das novelas Salve Jorge, Liberdade, Liberdade, Meu Pedacinho de Chão, Espelho da Vida e Imperador, além de muitos outros.

Quando fala de Marcos Palmeira seus olhos brilham, pois é sua fã incondicional. Aos 71 anos, quando estava gravando um comercial do supermercado Prezunic com o ator Marcelo Marrom, ele perguntou se ela tinha algum sonho não realizado, e ela respondeu, com os olhos lacrimejando, que não morreria sem conhecer a Bahia. E qual não foi sua surpresa quando no dia seguinte ganhou do Marrom uma passagem aérea de ida e volta, com acompanhante, estadia paga com todos os direitos, por dez dias, e um valor financeiro bastante considerável na época para gastar com o que



Conceição Ma da Silva de Moraes

quisesse. Ceíça Moraes até hoje se emociona quando toca nesse assunto.

Atualmente, está dando vida a um personagem de peso e, para variar, atuando

muito bem, mas por enquanto é segredo, Aguardem! Será uma história impactante, com roteiro inédito no Brasil, e exibição na Globoplay.

Ela sempre sonhou em fazer um curso de teatro profissionalizante, ter seu registro profissional. E, então, em novembro de 2021, ele se realizou. Conheceu uma pessoa, por intermédio de Wander Silva, sua cabeleireira amada, que de imediato a adotou como “vó”, pois ficou encantada com sua história, e logo acionou sua “varinha de condão” indicando-lhe um curso profissionalizante de reconhecimento extremo. Hoje, ela estuda com as “feras” do teatro, cinema e TV, e em um futuro bem próximo, ainda este ano, exatamente aos 76 anos, Ceíça Moraes estará conquistando seu sonho, formada pela nata da nossa dramaturgia. Ela tem o privilégio de contar com o apoio da família que a acompanha em tudo, inclusive nas gravações.

Fica o ensinamento. Se você desistir, não era sonho, e sim uma admiração, porque o sonho impulsiona, fortalece, faz você resistir diante de toda e qualquer dificuldade, pois o amor pela arte é maior que os empecilhos, a arte é ímpar, ressuscita vidas desregradas.

Se tem um dom, SEJA! SONHOS NÃO ENVELHECEM! Sobre tudo, “talento não tem idade”! Que o diga a Diva Ceíça Moraes, mais um orgulho da Cidade de Deus.



Lutamos pela Praça Jorge da Costa Pinto na Freguesia

João Magalhães

Há dois anos partiu um guerreiro. Jorge da Costa Pinto faleceu no dia 11 de abril de 2020, como muitos partiram nesse ano por descaso da saúde pública.

Se a vilania não tivesse tomado posse desse mundo, creio que a ceifadora não teria levado-o, ele poderia ter comemorado em 5 de maio de 2020 o dia do líder comunitário, como estávamos planejando, e o aniversário de 40 anos da Associação de Moradores e Amigos da Freguesia.

Infelizmente, não há como mudar o que passou. Jorge da Costa Pinto partiu desse plano, mas seu heroísmo será contado, e sua lenda será lembrada e servirá de inspiração para muitos depois dele.

Um herói não perece, se torna imortal.

A história de Costa Pinto é tal como a de todo herói helênico. Começou enfrentando titãs e deuses, sustentou o peso do mundo como Atlas e se despediu para outro plano deixando um legado a ser continuado.

Nossa luta é pela nomeação da praça Jorge da Costa Pinto:
Associação de Moradores e Amigos da Freguesia @amaf_freguesia

Protagonismo feminino em Jacarepaguá

**Marcelo Sant' Ana Lemos*

O mês de maio é lembrado pela grande mídia como o mês onde se comemora o dia das mães e das noivas, muito mais com intuito de vender produtos do que comemorar qualquer referência as mulheres e seu papel na sociedade, tanto no passado como no presente.

A propaganda, em sua grande maioria, passa longe de mostrar o real protagonismo feminino no cotidiano, logo elas que são a maioria no nosso país, que lutam cotidianamente, pelos seus direitos, pela sua sobrevivência e de seus filhos, que estão ativas nos diversos movimentos da baixada de Jacarepaguá, seja por moradia, seja contra remoção, por melhores condições de vida, contra o desmatamento, etc.



Vila Autódromo – Marcha das mulheres contra a remoção – 15 de agosto de 2015.

Um grande exemplo de mulher lutadora é Maria da Penha Macena (moradora e liderança da Vila Autódromo), conhecida como Penha, que luta faz muitos anos contra as diversas tentativas de remoção da comunidade de Vila Autódromo, que resiste à beira da Lagoa de Jacarepaguá. Ela foi co-fundadora do Museu das Remoções, que denuncia a fúria insana de diversos prefeitos (Maia, Paes e Crivela), em remover os moradores deste e de outros locais da cidade, cada hora com uma desculpa mais esfarrapada do que outra: é Pan, é Copa, é Shopping, é Olimpíada, é Autódromo, é embelezamento, é qualquer motivo para retirar moradores dos seus territórios de vivência, moradia e trabalho.

No caso da Vila Autódromo, que nasceu de uma colônia de pescadores a beira da Lagoa, antes dos anos 1960, as lutas foram muito intensas ao longo dos últimos 30 anos. Em 1987 criaram a Associação de Moradores e Pescadores de Vila Autódromo, que lutava pela coleta de lixo, acesso a luz, água e telefone. Na década seguinte a vitoriosa luta pela regularização fundiária, junto com as primeiras tentativas de remoção. Foi nessa época e por participar da Ação da Cidadania que conheci a Vila Autódromo, onde acompanhamos a implantação de um projeto de coleta seletiva, próximo a antiga sede da Associação, fruto da mobilização da comunidade.

Foi no século XXI, que desde o seu início, os megaeventos começaram a ameaçar a existência da Vila Autódromo. A primeira ameaça foram os Jogos Panamericanos, de 2007, depois os Jogos Olímpicos de 2016, em todos esses

momentos Dona Penha junto com os moradores se mobilizaram para evitar as remoções, em que pese terem sido removidas 500 famílias, a Vila Autódromo existe e resiste no mesmo lugar, com os moradores que se recusaram a ter suas vidas removidas daquele território por conta da especulação imobiliária e da intolerância a diversidade e aos mais pobres.



Penha agredida pela PM durante uma das tentativas de remoção de moradores da Vila Autódromo

Penha chegou a ir na 32ª sessão do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas para denunciar as violações de direitos humanos ocorridas no contexto dos megaeventos no Brasil. Foram removidas mais de 69 mil pessoas em todo o município do Rio de Janeiro, aproveitando da desculpa do Pan, da Copa e das Olimpíadas. Esse foi o principal legado para a cidade, infelizmente.

Assim como a Penha, outras mulheres merecem ser lembradas no mês de maio, como em qualquer outro mês do ano por suas lutas e resistências ao longo da história.

Relembro aqui das mulheres guaranis (que a história deixou anônimas), que vivendo na região do Guairá, no Paraná, nos 14 aldeamentos feitos pelos jesuítas espanhóis nos territórios indígenas daquela região, foram subitamente e violentamente arrancadas de suas casas, junto com seus filhos e netos, por tropas de mercenários bandeirantes paulistas comandados pelos escravagistas Manoel Preto e Raposo Tavares, em 1628, sendo forçadas a uma migração cruel e desumana até São Paulo e algumas até o Rio de Janeiro. Estas últimas vieram parar no Engenho do Camorim, propriedade naquela época de Vitória de Sá e de seu marido, governador do Paraguai e cúmplice dos bandeirantes, Luiz Céspedes Garcia Xéria.

As testemunhas dessa cruel jornada sofrida por elas foram os padres Maceta e Marsilla, missionários da missão de São Francisco Xavier, no Guairá, que ao verem suas missões destruídas pelos paulistas de forma tão violenta, resolveram acompanhar os grupos indígenas prisioneiros, tentando consolar os indígenas, repatriar alguns negociando com os escravocratas. Descrevem eles que ao longo do caminho eram abandonados os velhos que não conseguiam mais andar, as mulheres doentes, a quem os maridos eram proibidos de ajudar, os que conseguiram chegar estavam mais mortos do que vivos. Além disso elas presen-

ciaram a morte de entes queridos nos ataques as missões, pois os paulistas colocavam fogo nas casas, trucidavam os mais valentes, bem como as crianças e mulheres.

Outro Jesuíta, Ruy de Montoya usou sua pena para descrever essa situação: “Importavam numa confusão horrenda os gritos, o berreiro(...), de mistura com as vozes chorosas das mães, que ficavam atravessadas pelas espaldas bárbaras e também pela dor de verem despedaçados seus filhinhos. Não mostravam também qualquer compaixão com os feridos, sendo que em vez disso os meteram numa prisão, defendida por boa guarda”.

Pensemos como chegaram traumatizadas essas mulheres guaranis avós, mães e filhas que foram trabalhar em Jacarepaguá, como escravizadas. Elas deixaram o testemunho de sua existência através da cerâmica, que elas confeccionavam e decoravam com as mãos, dedos e unhas, deixando suas marcas individuais e que foram encontradas nas escavações realizadas pela arqueóloga Silvia Peixoto, no Engenho Camorim. Esse resgate arqueológico é o testemunho das suas existências sofridas, invisibilizadas, na lida do engenho, pensando em sair do Yvy vai (o mundo terreno repleto de imperfeições, doenças, mortes e destruição) e fazer a OGUATA PORÃ (caminhada) para a Yvy marãey (Terra sem Mal), onde encontrariam fartura de alimento, caça e muito mel. Nossa homenagem a essas guerreiras que tanto trabalharam a terra e tiraram alimentos para outros, pois muitas vezes não tinham acesso ao fruto do próprio trabalho.

Por fim relembro também a história de uma moradora de idade centenária, que passou os últimos dez anos de sua existência em Jacarepaguá: Anastácia Maria da Conceição, foi recenseada em 1906, em Jacarepaguá. Nessa época tinha 100 anos, era solteira, sabia ler e escrever, e morava na estrada da Freguesia nº 65. Ela nasceu na ilha do Governador, mas muito moça foi morar no centro da cidade. Sua profissão era de ama seca, até os vinte anos de idade, trabalhando em casas de família, cuidando das crianças. Provavelmente era escrava nessa época, mas o registro censitário não aborda esse fato. Depois começou a trabalhar como cozinheira em diversas casas de família, como a do Barão de Lavradio, onde ficou mais de 20 anos. Por conta disso conheceu D. Pedro II, a família imperial, pois trabalhou para o Barão bastante tempo. A Baronesa do Lavradio a ensinou a ler e escrever. Apesar dos seus 100 anos, sua maior parte só trabalhando, ainda era bastante forte e ouvia bem. Quantos desaforos engoliu na sua vida? Vivia mais a vida dos seus patrões que a sua própria! Hoje em dia talvez tivesse que ser resgatada pelos fiscais do Ministério do Trabalho, por trabalho semelhante a escravidão. Mas ela sobreviveu e foi morar os seus últimos anos de vida no bairro.

As mulheres as nossas saudações e o desejo de conseguirmos construir um mundo com direitos iguais e mais fraterno.

* *Historiador*

Canal direto com o JAAJ

O Jornal Abaixo-Assinado agora conta com um canal direto com você!

Adicione o nosso número e nos mande um alô para receber nossas mensagens.

Além disso, você pode mandar fotos, sugestões e ocorrências para o nosso Jornal!

Nosso número: (21) 97143-4821



Cíntia
Travassos
Produtora

Luciana Ezarani é do Grupo Teatral Aslucianas



Luciana Ezarani contando e encantado as crianças

Luciana Ezarani, é carioca e moradora do bairro da Penha. Formada em Artes Cênicas pela Unirio, é atriz, diretora teatral, autora e uma apaixonada pelas artes em geral. O seu interesse pelas artes surgiu na escola primária, quando ela tinha 7 anos, onde assistiu uma peça de teatro. A partir daí, teve certeza que ali era o seu lugar, atuando e produzindo cultura.

Ezarani caminhou pelas artes na infância e adolescência. Ousada, fundou o Grupo Teatral Aslucianas, em 2003, e de lá para cá vem realizando diversas iniciativas culturais, como temporadas, participações em festivais e mostras de teatro por todo o Brasil, eventos em escolas, empresas, bares e universidades, enfim, em diversos lugares. Sempre levando alegria e reflexão sobre os sentimentos humanos, com o intuito de tornar viva e cheia de arte a vida que o mundo transforma em rotina.

O Grupo Teatral Aslucianas tem sua pesquisa pautada na comicidade e um foco especial na arte de rua. O maior sonho de Luciana Ezarani é viver em um país cultural, onde toda forma de criação possa ser enal-

tecida. E ela fala com orgulho: “a minha vida sempre foi de arte e cultura”.

Quando pergunto como ficou o seu trabalho na pandemia, ela diz que, como todo artista, o trabalho ficou paralisado, e que naquele momento o seu grupo estava em meio a duas montagens. Porém, com o incentivo da Secretaria de Estado de Cultura, puderam retomar alguns trabalhos, mesmo que em vídeo, em 2020.

Com a Lei Aldir Blanc, o Grupo Teatral Aslucianas pôde finalizar as montagens e atualmente está com o projeto Contando Histórias pelo Mundo, que visa contar e cantar histórias unindo teatro, música e reflexão, que vai ser lançado no dia 21 de maio, e permanecerá com apresentações até 18 de setembro de 2022, em várias pra-

Confira nossa programação 2022:

ESSAS MULHERES... É uma comédia que retrata o feminino e os diversos papéis desempenhados por "elas" no mundo. Apresentações: 21/05 - 17h Praça Anhangá 22/05 - 17h Parque Shanghai (Praça do Centro)	AMARÉ CONTO DO MAR AMARÉ - CONTO DO MAR é uma comédia de histórias contadas em diversas histórias e contos que trazem a mar e mar como referência. Apresentações: 03/06 - 19h C.E Olga Benário 19/06 - 17h Praça do Visão	SORRISO MARAVILHA SORRISO MARAVILHA é uma comédia que conta a história do Rio de Janeiro em todas as suas belezas. Apresentações: 03/07 - 17h Praça Panamericana 17/07 - 17h Parque Shanghai
O FOLIOLE DO ANJO A capelinha história de Liberdade e Canindé que vivem um dia de guerra, mas no fundo só querem entender o que é o amor. Apresentações: 14/08 - 17h IAPI da Penha 21/08 - 17h Praça Panamericana	CONTANDO HISTÓRIAS PELO MUNDO CONTANDO HISTÓRIAS PELO MUNDO é uma comédia de histórias contadas em diversas histórias e contos que trazem a mar e mar como referência. Apresentações: 11/09 - 17h Praça do Visão	MUNDI CONTO DO MUNDO Mundi - Contos do Mundo é uma viagem aos contos dos 5 continentes. Apresentações: 11/09 - 17h IAPI da Penha

Ficha Técnica
 Texto e Direção: Luciana Ezarani
 Elenco: Angel Beatriz, Cíntia Travassos, Igor Cruz, Jannyfer Alves, Luciana Ezarani e Mariana Jacó
 Músicos: Rachel Nunes e Lucas Andrade
 Produção Técnica: Danilo Sérgio, David Israel, Graziel Oliveira, Mila Barroso, Samuel Silva, Vera Cruz e Volan Fernandes

ças da Zona Norte do Rio de Janeiro, com patrocínio da Prefeitura do Rio.

Confira a programação nas redes sociais

<https://web.facebook.com/Aslucianas>
 Instagram @gtaslucianas



Contamina
ou Contagia?

Eterna
Aprendiz

Cláudia Scott

Publicitária

Instagram: @claudia_scott1

Hoje foi um daqueles dias repletos de reuniões. Depois que passamos a viver neste mundo on-line pós-pandemia, sair de uma sala virtual para outra é mais rápido do que o deslocamento físico. Com isso, passei a emendar uma reunião na outra sem nenhum intervalo de tempo. Ok. Admito que isso é errado e, a cada semana que começa, prometo que vou rever minha agenda. Talvez na semana que vem, sem falta. Insisto em admitir (ou mentir) para mim mesma.

Acontece que é exatamente nessas reuniões que as pessoas esperam receber alguma coisa da gente e, porque não dizer, compartilhar algo com a gente também. E, podem acreditar: mesmo a distância, a energia do outro chega até a gente (e vice-versa).

Em uma das reuniões de hoje, a apresentação que estava sendo realizada estava super-correta, assertiva, bem elaborada, entre outros fatores favoráveis. No entanto, havia um blecaute: faltava energia no brilho dos olhos por trás das telas, na entonação das palavras e na real defesa do que apresentávamos.

Em dado momento, resolvi pegar uma faísca (de uma das pessoas que estava apresentando) e resolvi jogar combustível: o reforço positivo. Dizer que uma pessoa está fazendo algo bom, apontar que a ideia é boa, que faz total sentido o que está sendo dito empodera o outro e faz com que a faísca se transforme em brilho.

A primeira vez em que ouvi o termo reforço positivo foi lendo sobre o treinamento do tenista Gustavo Kuerten. Seu técnico Larri Passos ao invés de somente apontar os erros e dizer que ele deveria corrigi-los fazia, principalmente, o inverso. Ou seja, apontava os acertos e dizia que ele deveria continuar a fazer assim. Notou a diferença?

Ao final da reunião, recebi alguns feedbacks construtivos dizendo que fui assertiva, que fiz a diferença, que conseguimos trazer mais retornos do cliente, entre outros pontos de aprovação. No entanto, o que fiz foi simplesmente transmitir a minha energia e minha positividade ressaltando todos os pontos que estavam bacanas na apresentação. Com isso, ao incentivar e dar espaço para as pessoas brilharem, todos nós brilhamos juntos.

Existem indivíduos que nos contaminam (drenando nossa energia) e outros que nos contagiam (nos fazendo acreditar que podemos). Eu prefiro contagiar e ser contagiada. Afinal, energia é algo que a gente sente e, se a gente sente, é porque é real.

P.S. Cláudia Scott é publicitária e vive contagiando pessoas por aí!



Guga campeão do carisma e o grande tricampeão de Roland Garros

Arte Etc. & Tal

Por uma sociedade sem manicômios



Vanessa
Guida
Artista Visual e
Pesquisadora

O mês de maio, além de ser o mês das mães e das noivas, é o mês de luta por dignidade às pessoas que viveram ou ainda vivem em asilos psiquiátricos. O Movimento da Luta Antimanicomial se caracteriza pelo esforço em prol dos direitos das pessoas com sofrimento mental. É importante combater a ideia de que se deve isolar, encarcerar e manter relações de violência contra pessoas com transtornos mentais.

O Movimento da Reforma Psiquiátrica se iniciou no final da década de 1970, em pleno processo de redemocratização do país. O Movimento da Reforma Sanitária, que envolve diferentes categorias profissionais, associações de usuários e familiares, instituições acadêmicas, representações políticas e outros segmentos da sociedade, questionou o modelo clássico de assistência centrado em internações em hospitais psiquiátricos, o que resultou na garantia constitucional da saúde

como direito de todos e dever do Estado mediante a criação do Sistema Único de Saúde.

Sabemos que nem tudo ocorre exatamente assim, mas o caminho para a reintegração destas pessoas à sociedade vem acontecendo. E tem muita gente boa usando a arte para discutir este assunto.

Então, para falar de luta por meio da arte, foi aberta, neste mês, a ocupação artística “Brasil Delivery”, no Espaço Travessia, sob a curadoria do multiartista, ativista e diretor do espaço, Marcelo Valle, que conta com mais de 150 obras de artistas usuários ou não, mas que de alguma forma estão envolvidos com esta causa e que dão à antiga enfermaria do Hospital Pedro II, situado no bairro Engenho de Dentro, um ressignificado, sem apagar a história do lugar, pois, afinal, é preciso lembrar para não repetir.

O terreno do Hospital Pedro II também abriga o Museu Imagens do Inconsciente, fundado em 1952, pela doutora Nise (da Silveira), precursora desta luta. A ocupação artística do Espaço Travessia vai até setembro, no Instituto Municipal Nise da Silveira, rua Ramiro Magalhães, 521, Engenho de Dentro



(perto da UPA), com entrada grátis!

Para mais informações, basta enviar mensagem pelo Instagram: <https://www.instagram.com/espaco.travessia/>.

Foto: Agência Brasil - Reuters/
 Jessica Rinaldi



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

Os marcos rodoviários são importantes vestígios físicos dos primórdios do Rodoviarismo no Brasil. Eles foram estabelecidos pelo Decreto N. 18.323, de 24 de julho de 1928, durante o governo do presidente Washington Luís. Esse decreto regulamentou a circulação de automóveis no território brasileiro e estabeleceu as primeiras regras para a sinalização e para a segurança do trânsito nas estradas de rodagem.

Nessa época, o Plano Catrambi (1926-1927), desenvolvido pelo engenheiro Joaquim Catrambi, lançou as bases da rede rodoviária do nosso país, criando um conjunto de estradas federais e estaduais que se tornariam os embriões da vasta malha rodoviária brasileira. Washington Luís, ainda como governador de São Paulo, disse, em 1920, a famosa frase: “Governar é povoar, mas não se povoa sem abrir estradas, e de todas as espécies; governar é, pois, fazer estradas.” Ao assumir a presidência, ele

inaugurou a Rodovia Rio-Petrópolis, a primeira rodovia asfaltada do Brasil.

Giovani Boechat Chiste, estudioso sobre a História do Rio de Janeiro, foi quem chamou a atenção para essas estruturas feitas de gnaiss e que ainda resistem na paisagem Carioca. Ele foi o responsável pela localização de 29 desses marcos. Atualmente, existem 34 deles catalogados, sendo três localizados na XXIV Região Administrativa - Barra da Tijuca. Dois estão na Estrada do Joá, um no número 3.320 e outro perto do 2.492. O terceiro fica no bairro de Vargem Grande, na Estrada dos Bandeirantes, número 29.990.

Segundo o Relatório Executivo do Plano Nacional de Logística, 65% do transporte de cargas do Brasil passa por rodovias. O modal rodoviário possui um alto custo, seja por conta da manutenção, combustíveis ou pedágios, o que acaba encarecendo o valor dos produtos transportados para o consumidor final.

Foto: Carlos Fernandes



Marco Rodoviário localizado no bairro do Joá



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Renato Dória - Historiador

Rio das Pedras: a luta pela urbanização de favelas em Jacarepaguá desde a década de 1980

Uma das últimas favelas da Baixada de Jacarepaguá a passar pelo drama da ameaça de remoção foi a de Rio das Pedras, em agosto de 2017. No mês anterior, o então prefeito Marcelo Crivella reuniu-se com um grupo de empresários para discutir a reurbanização de Rio das Pedras, pretendendo “verticalizar” a favela a um custo de quase 2 bilhões de reais. Quando os moradores tomaram conhecimento da proposta, identificaram inúmeros problemas e começaram a organizar uma resistência. Realizaram várias manifestações, inclusive na Câmara Municipal. Passaram a defender a permanência nas próprias casas e a continuidade de ações de saneamento e instalação de infraestrutura de serviços.

Mas essa luta contra a remoção e pela urbanização de favelas na Baixada de Jacarepaguá é antiga e no início da década de 1980 era a favela de Rio das Pedras que figurava constantemente nas páginas dos jornais cariocas a frente de ações de reivindicação por políticas públicas de saneamento básico, urbanização e acesso à terra para moradia na região. Durante os governos estaduais de Chagas Freitas e Leonel Brizola a pressão dos moradores de Rio das Pedras foi constante. Regularização fundiária, saneamento básico e urbanização constavam na pauta de reivindicações dos moradores desta e de outras favelas da região já no início dos anos 1980.

A necessidade de sobrevivência, a manutenção de formas de sociabilidades locais e a luta por uma vida mais digna em uma das favelas mais populosas do subúrbio carioca eram as principais motivações que impulsionavam os moradores de Rio das Pedras para a mobilização política. Às vésperas das eleições de 1982 uma comissão de mais de 200 mulheres, representando mais de 17 mil moradores de Rio das Pedras, entregou um documento ao então secretário estadual de desenvolvimento social, Vicente Barreto, apresentando duas reivindicações fundamentais: título de propriedade e saneamento básico.

Favelados pedem casa ao governador

Ontem, às 6 horas, membros de 52 famílias empunhando faixas e cartazes ocuparam o calçadão da Avenida Atlântica, em frente ao prédio onde mora o governador Leonel Brizola. Eram favelados, pedindo um cantinho para morar. O secretário de Estado, Cibellis Vianna, não gostou da manifestação e ameaçou chamar a Polícia para expulsá-los. Mas o governador terminou descendo para dialogar.

— Não costumo atender a ninguém aqui, mas vou abrir uma exceção — disse Brizola. O presidente da Associação de Moradores da Favela Rio das Pedras, Gilberto Pereira Lobato, explicou: “Há 25 dias 300 famílias ocuparam o terreno no número 20 da Rua Engenheiro Souza Filho, em Jacarepaguá. Estão ameaçadas de despejo e já foram inclusive agredidas pela Polícia. Vimos pedir ao senhor um terreno do Estado, ali perto”.



Favelados foram recebidos por Brizola

Jornal Última Hora, de 07/02/1984

“Em seu documento, os moradores reclamam que nos últimos 10 meses morreram dez moradores vítimas de diarreia, verminose e hepatite, em consequência da falta de dragagem do canal do Rio das Pedras.”

Em fevereiro de 1984, uma comissão com mais de 90 moradores acampava desde às 6h da manhã em frente à residência particular do governador. Empunhando faixas e cartazes, reivindicavam uma solução para o drama de mais de 1800 famílias que viviam em condições precárias de habitação. Aproximadamente 300 famílias daquele total, sem condições de esperar mais tempo vivendo sobre o esgoto, ocuparam uma área destinada ao acostamento da avenida Engenheiro Souza Filho e passaram a sofrer violências por parte da polícia militar.

As cerca de 1800 famílias estavam há meses cadastradas no programa Cada Família Um Lote, porém, ainda não tinham sido contempladas com as ações do programa. Aos

manifestantes foi prometido que uma comissão formada por representantes de órgãos da Prefeitura e do Governo Estadual faria uma visita à favela para avaliar como viabilizar, a médio prazo, as reivindicações por urbanização, saneamento e títulos de propriedade.

Desde fins da década de 1970 havia aumentado, na cidade do Rio de Janeiro, a quantidade de favelas organizadas em associação de moradores. Nessa época, a maioria das associações de moradores de favelas cariocas havia se formado em torno de três demandas principais: luta contra remoção, regularização fundiária e urbanização (saneamento básico). Num período marcado pela retomada de ações de mobilização política dos trabalhadores contra a ditadura civil-militar, moradores de favelas do subúrbio carioca também se organizavam politicamente

para reivindicar acesso a direitos básicos como moradia digna, saneamento básico e urbanização.

Enfrentavam o descaso das autoridades governamentais, o poder econômico e político de empresas do setor imobiliário e a violência policial enquanto colocavam em prática diferentes formas de mobilização e luta política. É indiscutivelmente nítida a semelhanças dos problemas enfrentados no presente e no passado por moradores de favelas, evidenciando que as causas dos mesmos, se estão longe de serem resolvidos, ao menos são identificáveis e possíveis de serem enfrentados.

Quer conhecer mais sobre a História de Jacarepaguá?

Acompanhe as redes sociais do IHBAJA.

• Facebook: <https://pt-br.facebook.com/ihbaja/>

• Instagram: <https://www.instagram.com/ihbaja/>

• Blog: <http://ihbaja.blogspot.com/>